

MENDIGOS PIRATAS VIDENTES

Por Fabiane Borges e Thiago Novaes

Mendigos, piratas e videntes são figuras emblemáticas. Três performances históricas que se interpenetram, apesar de significarem diferentes ocassos. Percebemos na decadência, ilegalidade e intuição visionária, uma linha que atravessa diretamente os modos de subjetivação contemporâneos, colocamos nosso foco porém, em algumas práticas “ativistas/militantes” envolvidas principalmente nos campos da técnica, estética e política.

Tratam-se de redes engajadas na “transformação do mundo”, que utilizam a arte, a comunicação e a tecnologia como ferramentas de ação, resistência e invenção de mundo. Que usam sua inteligência e seu tempo para criar conteúdos culturais e disponibilizá-los, que reivindicam apropriação pública de bens proprietários, sejam materiais ou imateriais, que cultuam posturas político-afetivas como generosidade e compartilhamento, criando não só gesto simbólico, mas programas e metodologias. Reconhecem que habitam o cerne das mudanças do mundo do trabalho, impregnado de controle, que diz das novas formas de dominação sobre a vida, que não elimina instâncias anteriores como escravidão e proletariedade, mesmo que indique novas tendências alavancadas pelo “desenvolvimento”.

Há no mínimo duas características importantes nas práticas desses militantes/ativistas: uma é que operam com a noção marxista de distribuição dos meios de produção¹, e outra que acreditam nos

¹ O avanço das forças produtivas dos meios de comunicação se encontra em evidente contradição em relação ao controle dos meios sociais de comunicação, mostrando o quanto é atual a tese marxiana, que hoje aponta para a

processos cotidianos de transformação. As duas características coexistem, celebrando uma forma menos vertical de fazer política, cujos resultados são a construção de uma plataforma de experimentação mais imersiva, constituinte, assim como aumento do potencial de desenvolvimento pessoal, comunitário e trans-comunitário.

Experimentação imersiva² é o encontro presencial, com certa duração temporal, que permite a conexão entre as pessoas, o partilhamento da comida, da bebida, dos conhecimentos, das práticas, com tempo para reconhecimento do espaço, das forças que operam dentro e em torno do local, com tempo de promover táticas coletivas, planejar ações com eficácia, assim como tempo para ladainhas, lamentações, festividades e embriaguez. É a partir dessa cotidianidade (mesmo que limitada no tempo) que a ação pode se tornar constituinte, constituidora, com ampliação de perspectivas e práticas que não se enterram nos locais onde são produzidos, mas seguem seu percurso segundo suas redes de interesses.

Para que as redes se expandam é preciso construir as plataformas comunicacionais que dependem de parafernália técnica como criação de softwares, instalação de antenas, doação de transmissores de rádio, reciclagem de computadores, feitura de sites e redes nos quais prevê-se políticas de acesso; e também todo um aparato ético e conceitual, reconhecido e praticado local e globalmente, que diz de suas oposições aos sistemas de controle que promovem apropriações capitalísticas aos domínios da terra, da água, do ar, do espaço, através de políticas corporativas, de concessões de espaços, de proteção de patentes e de dominação ilegítima, apesar de legal, de bens que deveriam ser comuns e livres, bens públicos. Sem falar nos investimentos abstratos, afetivos, intelectuais, que

² radical transformação das relações sociais a partir do compartilhamento e apropriação descentralizada da Internet. BORGES, Fabiane e ETLIN Marc. Immersions, recyclage et singularités. Multitudes, Paris, 10 jul. 2008. & Processos Imersivos e Reciclagens de singularidades (para Multitudes) . Apropriações Tecnológicas – Emergências, textos, idéias e imagens do Submidialogia 3. (disponível em:

pressupõem abertura à mudanças, disponibilidade subjetiva e garantia financeira para sustentar as práticas.

Quando vem à tona o problema da sustentabilidade, os projetos vão tomando aspectos nebulosos. É aqui nesse nóculo que presenciamos as cenas mais difíceis, as cooptações, as crises de representação, as burocratizações, a perda de fé na “transformação da vida e do mundo”.

Se nos finais do século XX e início da primeira década do século XXI podíamos usufruir ainda de um certo ativismo engajado, vivo e independente, refletidos em movimentos como anti-globalização, software livre, Zapatismo, hoje vivemos momentos mais retraídos, com menos entusiasmo com as lutas de enfrentamento, mais dedicados a elaborar o que foi produzido até o momento e aplicar esses conhecimentos adquiridos no campo social. A elaboração e aplicação desses processos implica na transformação dos próprios processos, que quando produzidos no ardor da resistência e da luta contam com uma vitalidade desmedida, promovida pela alegria dos encontros, pelo erotismo das andanças e mudanças, mas quando se tornam conteúdo de elaboração e aplicação ficam mais lentas, repetitivas, tendem à burocratização.

As vanguardas atuam com os mesmos dispositivos tecno-comunicacionais que as forças reacionárias, com a diferença que as últimas são muito mais poderosas, não têm interesse na livre distribuição dos meios de produção e criação de acesso, impedem que o movimento se expanda devido a interesses econômicos. Dessa forma se reduzem grandemente as formas de aplicabilidade de certas ações ativistas/militantes, que ao contrário de terem espaço para expansão, são submetidas a pequenos guetos econômicos ligados a projetos de governo, alguns círculos de financiamento empresariais, e propostas altruístas facilmente interrompidas. Como seu objetivo não é gerar

capital, sobrevivem de sobras de capital, ou investimentos menores do que necessitariam para proliferação de suas práticas³.

As posturas políticas das redes ativistas /militantes são capazes de gerar muito sofrimento; devido insistente e cotidiano combate, suas vidas podem se tornar facilmente insustentáveis, enlouquecedoras. Como nem sempre se pode resolver essas situações de forma justa, e as responsabilidades da vida vão exigindo novas posturas, o mais comum é que reorganizem suas vidas de acordo com as possibilidades oferecidas pelo próprio sistema de mercado e controle.

MENDIGOS

Existe uma máquina de produção de subjetividade “mendiga” que opera nessas redes. As forças políticas e econômicas investem um pouco de dinheiro para projetos compartilhados entre muitas pessoas. Não há muitas políticas públicas que privilegiem ações produzidas em rede, sendo prioritário o investimento em pequenos grupos ou em indivíduos, pois trata-se de uma máquina que tem como engrenagem fundamental um padrão generalizado de representação que inclui um forte sentido de controle, hierarquia, poder e reconhecimento. Isso implica na modificação de comportamentos. Aos poucos esses militantes/ativistas se tornam mais competitivos, menos colaborativos e mais interesseiros. Viram mendigos. Essa mendicância metodológica é uma forma de controle das mais bem intencionadas e perversas, pois se firma no sentido de escassez e produz subjetividades servis com aparência de empoderamento⁴.

³ Eis um ponto delicado da argumentação: se ao mesmo tempo as redes (des) organizadas necessitam de recursos financeiros, o valor da reciprocidade e do reconhecimento é motivador da ação e sua potência não limita à circulação de riqueza material.

⁴ Como exemplo podemos citar várias das políticas públicas de “inclusão digital” emergidas nos últimos governos que, atentas à necessidade de incorporar a tecnologia de maneira transversal em suas ações, perversamente deslocam o potencial emancipador da formação de redes para estatísticas de governabilidade, cujo objetivo é a próxima eleição.

Os sujeitos são induzidos a organizarem seu tempo e sua disponibilidade conforme o interesse de órgãos financiadores; o que a princípio poderia ser só uma forma de sustentar as ações coletivas, se torna facilmente uma situação de dependência, onde a força mobilizada para as ações deixa de ser em rede para se tornar individualista, arrivista, levando as discussões políticas referentes ao nosso tempo a uma troca de informações sobre os últimos projetos. A força de mobilização se torna enfraquecida e passa-se até nutrir uma sensação de mal estar quando se intui a presença dela.

Toda a mobilização de afeto e inteligência passa ser utilizada para sustentação do próprio nome, do próprio projeto, da própria causa em detrimento de toda uma rede que apregoa a liberdade. As redes vão sendo representadas por grupos que fazem apropriação indevida de conceitos construídos colaborativamente. Criam-se fóruns de negociação junto às instâncias de poder que cria mais segregação, a rede é tornada base, rebaixada a uma situação de “representados”, (espera e pouco acesso aos conteúdos e principalmente às decisões). Os grupos começam se credenciar, burocratizar suas relações internas, tornam-se competitivos entre si, pois é preciso se profissionalizar no pedido de mais verba.

Quando um grupo de produtores civis, uma rede de ativistas, uma comunidade se torna mendigo serializado, algo de importante se perde. Talvez a espontaneidade, a vontade de multidão, algo da potência simples e estrondosa da vida.

Essa é uma questão velha, mas com traços bem contemporâneos. Se o fomento a projetos da sociedade civil surge a partir de acordos entre empresas, corporações e estados, com a delimitação dos planos assistidos, concessões, isenção de impostos, resta-nos perguntar: que lugar ocupam as

redes sociais nas decisões desses processos? Quem autoriza as redes sociais serem apropriadas, representadas, que se crie fóruns de representação sobre suas práticas, que a tornem base? Com que autoridade os sujeitos se sentem empoderados a ponto de sentir-se representante das redes, e se põe a falar de e sobre mobilizações que são coletivas e abertas?

Existe algo de nefasto nessa máquina de distribuição de dinheiro público para projetos artísticos, sociais, tecnológicos, ecológicos, demonstrados nas políticas de concessões, nos tratos com as redes, nas políticas de representação, que é a decisão sobre o que é digno de ser legitimado.

PIRATAS

O “Pirata” como figura histórica e lendária sugere-nos paralelismo, autonomia e constante estado de prontidão, mesmo que com articulações pontuais com mercenários, governos, estados. Muitas histórias de pirataria a partir do século XIII dizem-nos de grupos que se tornaram piratas por insubmissão, negação aos sistemas de controle dos impérios. O pirata é um dos ícones mais contemporâneos no universo das redes, é um sobrevivente da ilegalidade, sua tarefa é apropriação e traslado, sobrevive do roubo, da cópia, do *sampling*⁵, da replicação. Faz trato político mas não teme a traição, é inconfiável, ladrão, libertador de navios negreiros, passador de informações, sua ética pode ser bem próxima à ética da máfia, dos meus eu cuido, mas também pode abandonar. Seu hedonismo pode ser bem grosseiro às vezes, mas conta-se de piratas que foram amantes fabulosos, descobertos em diários de princesas raptadas que nem sempre queriam ser libertadas de suas mãos.

Peter Lamborn⁶ conta-nos sagas interessantes sobre os piratas, alertando-nos que desde quando

⁵ Sampling – pegar um trecho de uma música, modificá-la, reutilizá-la de maneira às vezes a não reconhecer a origem. Isso foi considerado um abuso de direitos de propriedade intelectual e deu origem ao movimento de flexibilização do direito de autor. “Eu vou sampliar, eu vou te roubar, roubar, roubar” música do grupo Originais do Sampler 2004.

⁶ Wilson, Peter Lamborn. Utopias piratas: mouros, hereges e renegados. São Paulo: Conrad, 2001.

surgiram já trabalhavam em rede, ao contrário da imagem de sanguinários sempre navegando no mar procurando confrontos, ele nos dá exemplos históricos de como tinham pontos de chegada para passagem dos produtos conquistados, faziam comércio alternativo, e se aventuravam em guerras pontuais, de muitas delas levavam consigo marinheiros rebeldes que odiavam servir às cortes, que sonhavam com mais empoderamento pessoal e liberdade.

A extrema identificação que se produz entre os piratas e os que se apropriam dos produtos culturais da nossa época, não é à toa. É sempre de um ponto de vista do poder que a história nos é contada, e essa postura convoca todo sentimento de temor e ilegitimidade que gira em torno dos piratas. Muitos ativistas das nossas redes são considerados piratas, e procurados juridicamente, alguns inclusive pagam sentença, por passarem informações indevidas, liberarem senhas, partilharem fórmulas farmacêuticas, disponibilizarem livros, filmes, conhecimentos que contêm selo de propriedade intelectual. Da mesma forma assistimos camelôs sendo perseguidos diariamente, seus produtos apreendidos, vasta campanha contra seus circuitos. “Pirataria é crime” está em praticamente todos filmes que vemos, inclusive os piratas. Uma onda de contenção à possibilidade de acesso.

Uma das histórias lendárias aqui no Brasil sobre hackeamento do estado, ou programa pirata coletivo, aconteceu a partir do Festival Mídia Tática Brasil (São Paulo/2003), que foi um marco da cultura digital. Várias redes de ativistas se organizaram em torno da plataforma de política pública que veio a ser conhecida como Cultura Digital, do Ministério da Cultura. Tratava-se da infiltração de agentes dessas redes no circuito político burocrático responsável por alocação de recursos financeiros e mobilização de signos para toda sociedade brasileira. Houve uma espécie de ocupação dos espaços ministeriais para fazer vingar e acelerar o processo de tomada de decisão e

implementação de políticas voltadas a toda a cultura emergente do compartilhamento de bens não rivais, generosidade intelectual, que é o contrário da busca pelo excedente, pela acumulação, pelo gasto utilitarista e explorador.

Os bens culturais compartilhados operam com a lógica da abundância, da generosidade, signos novos que invadiram o ministério e causaram grandes confusões, devido às distâncias, às vezes abissais, entre as teorias libertárias e sua aplicação. Evidentemente tal conjunto de ações desprestigiou o rito burocrático a ponto de se inviabilizarem muitas ações.

A misoginia foi um dos problemas deflagrados nesse processo. As mulheres que participavam da implementação do projeto sofriam preconceitos, eram desconsideradas, demitidas, uma onda de machismo tomou conta da política, os jogos de poder retiraram muitas mulheres do campo de ação, e isso se tornou assunto exaustivamente discutido nos encontros presenciais das redes, relatos em blogs, sofrimentos compartilhados, que se juntavam a problemas com demora de aplicação de recursos, sectarismos. Uma crise foi desencadeada que repercutiu não só dentro do estado, como também nos vários setores interessados no programa nacional, inclusive nos encontros presenciais de ativistas da cultura livre. Houve abandonos coletivos do projeto em retaliação a demissões autoritárias, promovidas por agentes da burocracia. A partir disso, uma série de confusões foi sendo criada entre os que assumiram o projeto, modificado dentro da estrutura governamental, e os que devolviam o projeto para a sociedade civil, com seu retorno às ações até a última ponta, nas bases.

Enquanto isso, inúmeros projetos floresciam dentro e fora do país, somando recursos e capital simbólico em torno de uma alternativa ao descongelamento dos mercados. É importante destacar que esse processo não tratava apenas de uma apropriação do estado a um projeto avançado de

vanguarda da cultura livre, mas também de um saque, promovido intencionalmente por novos piratas digitais, que se arrogaram hackers do governo e puderam durante certo tempo circular livremente nos espaços políticos e conceituais do estado, implementando um dos projetos mais importantes do governo popular, que são os conhecidos Pontos de Cultura (“cultural hotspots”).

As estruturas físicas do ministério da cultura também passaram por novas negociações, face o plano de ocupação em curso dos ativistas, onde o vigor e as múltiplas conexões dos agentes de cultura livre preponderavam sobre um sistema de gestão arcaico. Todo comportamento desses renegados, agora empoderados pelo estado, era uma ofensa moral, política, às instâncias oficiais, mas eram salvaguardados pela performance do ministro tropicalista, uma referência de atitude de vanguarda artística e política para a maioria dessas redes, que incorporou muitos discursos novos, apoiou as políticas horizontais, e bancou muitas de suas reivindicações. Não raro, grupos de jovens barbudos, descabelados e mal vestidos foram recebidos com honras especiais de estado, nos mais diferentes rincões do país, lugares onde o poder público jamais foi representado.

Essa primeira fase de implementação dos pontos de cultura foi um encontro com o Brasil profundo, com comunidades de saberes que vieram a se entrecruzar por conta dessa apropriação de meios de produção. Era uma idéia comunista que perpassava as subjetividades dos representantes do estado que foi atualizada por uma prática libertária de vanguarda, que reconhecia que sem esses atravessamentos comunistas, o projeto não seria viável, ainda mais com propostas emancipadoras como apropriação tecnológica, software livre, gênero e tecnologia, generosidade intelectual, programas imersivos, troca de saberes, pedagogia horizontal, permacultura. Os novos piratas conseguiram, surpreendendo-se a si mesmos, colocar em pauta um pensamento político que era partilhado em escalas pequenas, então chamado ao exercício de uma grande política pública.

Aqui podemos começar a pensar numa possível diferença entre singularidades mendicantes apropriadas e pirataria apropriante. Enquanto uma se esforça para receber reconhecimento, financiamento das instituições, a outra se mobiliza de forma mais eficaz, criando relação de apropriação às instâncias do poder e não de submissão.

Apesar dos novos piratas terem habilidade de entrarem e saírem das políticas governamentais, nem todos se dão conta dos efeitos prolongados que a burocracia do sistema institui sobre seus corpos, suas mentes, suas ações, que permanece neles em quantidades que eles desconhecem, mas que se reproduzem em seus fazeres cotidianos ou suas práticas de rede.

A ambiguidade reside no fato de que as forças de sedução do poder podem ser arrebatadoras, e muitos piratas se deixam vencer por essa sedução. Abandonam as forças políticas da autonomia em troca de uma visão de poder, pragmático realista (*real politik*). Para que isso não aconteça é necessário não perder o pensamento intuitivo, a vidência, o terceiro olho, aquele que vê por entre as coisas, que discerne as intenções, as energias envolvidas no jogo do poder, no jogo das redes, os padrões de interesses e as relações de forças, e principalmente, não se deixa cair pela magnitude da representação⁷.

VIDENTES

“Vidente” é quem vê, vê mais do está sendo visto, vê o obvio velado da realidade. Não deixa de ser marginal, geralmente carrega alguns atributos da mendicância como a do não engajamento total no

⁷ “O esperto ao contrário”, “o trocadillo” e o “cotrole remoto” são algumas das expressões que a intuição de Estamira concebeu para tratar desses fenômenos perversos. Ver documentário de Marcos Prado, “Estamira”.

mundo dos homens; mas trata-se de outro tipo de pobreza, não do mendigo escravo, submisso a seus hospedeiros. A própria pirataria não abre mão de seus videntes. Navios piratas tinham seus videntes, ou paravam em certos portos para eventuais consultas.

A intuição se distancia dos domínios da utilidade, ela explora a indeterminação da existência, tanto de objetos quanto de crenças e desejos. O pensamento desagregado, paranóico, alucinado nem sempre está distante do foco, como aparentemente se mostra; é como se utilizasse a passagem dos acontecimentos, das cadeias que os atravessam, como revelação de uma realidade que não cabe somente no ponto deflagrado. Afastado da causalidade, hiperconecta e cria o próprio pensamento em rede, que não se contenta em pensar as linhas históricas, mas todo ambiente, tangencialidades ínfimas, sequer suspeitas. É uma testemunha atemporal, que converte em imagens, em linguagens diferentes, sua assertividade delirante.

Temos na figura do tecnoxamã uma figura da vidência, da transvaloração ecosófica, que transborda as barragens ontológicas modernas para irromper em híbridos nem sempre controlados de fantasias reveladoras, aportando novas sensibilidades em um mundo desconcertado. Se o cientista é o mediador da verdade e do conhecimento, e o xamã o mediador da cosmologia e da história. O tecnoxamã compõe-se como criador de um ambiente estético de subversão dos usos previstos da técnica pelo mercado, pela família, pelos aparelhos de estado, confirmando sua eficácia na prática e reconhecimento de outras redes afins.

A figura do tecnoxamã insurge no imaginário das redes de cultura livre que atuam com arte, comunicação e tecnologia, como uma figura de mediação entre técnica e intuição, política e estética, matéria e espírito. É um mito contemporâneo de origem desconhecida que representa um

paradoxo compartilhado por todos, que é o uso da tecnologia digital e a criação.

A tecnologia digital é uma linguagem e a radicalidade de uma linguagem é sua condenação à perpetua reinvenção de si mesma pela prática cotidiana. Nesse sentido, o tecnoxamã concentra esse paradoxo como plano de resolução, onde as possibilidades míticas se atualizam em invenção de si, através de escolhas entre possibilidades conhecidas de evidente manifestação simbólica, mas que são atualizadas a partir do uso de diversos dispositivos disparadores de novas subjetividades e experiências. Assim é o trabalho de um dj que produz imersão sonora, ou um dos resultados de um uso intoxicante de gel de testosterona sintética (Preciado 2008), pois ambos se valem de uma técnica para desnaturalizar a produção de ambiente, de corpo, de política e estética.

O tecnoxamã interpreta o mito do tempo e da natureza, colocando em xeque a calculabilidade do tempo capitalista (time is money); é o movimento do devir inundando os condomínios fechados da representação, da imagem de segurança de um ciborgue protegido e vigiado. Ele faz um apelo à natureza no seu estado puro, ao mesmo tempo em que provoca o nascimento do novo homem, que vê na técnica não um inimigo, nem um escravo, mas um sujeito transformador do próprio entendimento do que é a natureza. Essa transmutação, no entanto, participa na produção de um imaginário sociotécnico que corre no sentido oposto aos mitos de rebelião dos robôs-escravos, assim como ao sentido de vigilância total a partir do controle do grande irmão. Ele é o maestro que põe em relação a orquestra de ciborgues, a orquestra de organismos que incluem também as multidões queers, que não sabem exatamente a que gênero pertencem, nem a que políticas de identidade, classe, cultura, deveriam se enquadrar.

O tecnoxamã é contra a política de enquadramento, porque sua cura não propõe o restabelecimento

de um plano fixo, pressuposto por um léxico psicopatológico, porque ele vê um problema ou uma doença sempre a partir do ambiente em que o corpo está submerso. É uma série de afecções que envolve um corpo, esse entorno que determina pontos fracos para fazer sua aparição. A ultra-segmentação de um corpo social, ou de um corpo orgânico se torna então obsoleta. O que mais importa é a apropriação do conhecimento sobre o corpo. Medicina, nesse sentido, é um tratamento de corpo que se recicla, que é conhecido por si mesmo e não um caso de médicos e hospitais. A técnica pode ser difundida. Utilizada. A reciclagem curativa retira o elemento do seu ciclo atual para devolvê-lo a um campo de vitalidade.

A vidência que expressa o tecnoxamanismo está tomada por todas essas verdades, em um contexto de esgotamento de recursos e imaginários que envolvem o projeto industrial do século XIX e XX, e de desenvolvimento medido por ritmos de aumento de salários face o consumo de frangos e iogurtes. Ela opera num recorte entre um real decadente e uma realidade potente cheia de possibilidades. Como mito contemporâneo, ele restitui a possibilidade de mágica da vida, fora dos nichos da produtividade e do reconhecimento.

É notório que as três performances textuais escolhidas para falar sobre o universo das redes de arte, comunicação e tecnologia se entrecruzam todo o tempo e clamam por outras companhias, já que se sabem precárias, desajustadas, ineficientes. Não bastam para demonstrar as riquezas produzidas num universo de redes. Entretanto, apontam três estados de existência que nos mobilizam devido à sua presença, sua radicalidade e sua intervenção no mundo. Elas não pretendem individualizar-se a ponto de definirem papéis aos ativistas/militantes das redes, nem pretendem tornarem-se ícones de comportamento, muito menos padrão de moralidade e conduta. A tentativa aqui foi exatamente provocar um distanciamento da análise sociológica ou psicológica dos processos coletivos, e fazer

jorrar impurezas de joio em platôs pouco condescendentes, que explicitam valores e práticas comuns a piratas e oportunistas. É um baile de máscaras, onde a máscara possibilita modos de expressar coisas que sem ela, não seria jamais expressas.

BIBLIOGRAFIA

BALVEDI, Fabianne. et al. Estúdios Livres. 2006. Disponível em

<<http://www.estudiolivres.org/tiki-index.php?page=paperEL&bl>; Acessado 17/12/2009

BORGES, Fabiane e ETLIN Marc. *Immersion, recyclage et singularités*. Multitudes, Paris, 10 jul. 2008.

BORGES, Fabiane ; PEREIRA, Verenilde . Guaranis: do jejuvy à palavra recuperada. Le Monde Diplomatique (Brasil), São Paulo, 17 fev. 2008. Disponível em <http://diplo.uol.com.br/2008-02,a2168>

BORGES, Fabiane. PEREIRA, Verenilde. Guraranis: do Jejuvy à palavra recuperada. Le Monde Diplomatique, São Paulo, 17/02/2008. Disponível em: <http://diplo.uol.com.br/2008-02,12168>

BOUTANG, Yann Moulier. *Le capitalisme cognitif: la nouvelle grande transformation*. Paris: Éditions Amsterdam, 2007.

CASTELLS, Manuel. *A galáxia da Internet: Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor, 2003.

COCCO, Giuseppe. *Trabalho e cidadania: produção e direitos na era da globalização*. São Paulo: Cortez, 2001.

_____, Giuseppe. A nova qualidade do trabalho na era da informação. In: LASTRES, Helena M. M.; ALBAGLI, Sarita (orgs). *Informação e globalização na era do conhecimento*. Rio de

Janeiro: Campus, 1999.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade* vol. I e II - Rio de Janeiro, RJ :Edições Graal, 1988.

_____, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 18ª edição, 1979.

_____, Michel. Verdade e Poder. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 18ª edição, 1979.

_____, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 28ª edição, 2004

GORZ, André. *O imaterial: conhecimento, valor e capital*. São Paulo: Annablume, 2005.

_____, André. *Metamorfoses do trabalho*. São Paulo: Annablume, 2003.

GUATTARI, Felix. *Micropolítica: Cartografias do Desejo*. 7ª edição. Petrópolis: Ed. Vozes, 2005.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Império*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____, *Multidão*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

WILSON, Peter Lamborn. *Utopias piratas: mouros, hereges e renegados*. São Paulo: Conrad, 2001.

LAZZARATO, Maurizio. *As revoluções do capitalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

_____, Maurizio. *Puissances de l'invention: la psychologie économique de Gabriel Tarde contre l'économie politique*. Paris: Les empêcheurs de penser en rond, 2002.

LAZZARATO, Maurizio; NEGRI, Antonio. *Trabalho imaterial: formas de vida e produção de subjetividade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MARAZZI, Christian. *Capital and language: from the new economy to the war economy*. Los

Angeles: Semiotext(e), 2002.

NEGRI, Antonio. *Cinco lições sobre Império*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____, Antonio. Os conflitos do Império. In: *Jornal da UFRJ*. Ano 4, n. 44, maio, 2009.

_____, Antonio; HARDT, Michael. *O trabalho de Dionísio: para a crítica do Estado pósmoderno*. Juiz de Fora: UFJF-Pazulin, 2004.

PRECIADO, Beatriz. *Testo Yonqui*, Espasa, Madrid, 2008.

VIRNO, Paolo. *Virtuosismo e revolução: a idéia de "mundo" entre a experiência sensível e a esfera pública*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

_____, Paolo. *Gramática da multidão: para uma análise das formas de vida contemporâneas*.

Santa Maria, 2003. Disponível em: http://es.wikipedia.org/wiki/Paolo_Virno.

SITES BUSCADOS

<http://www.gambilogia.net/blog>

<http://mutirao.metareciclagem.org/livro/Gambilogia>

<http://qorpo.blogspot.com/2008/11/131208-ruidocracia.html>

<http://ruidocracia.blogspot.com>

<http://stallman.org/>

<http://imaginaryfutures.net/>

<http://br-linux.org/faq-softwarelivre>

<http://www.indymedia.org/pt>

http://digitofagia.midiaticas.info/digito_cookbook.pdf

<http://www.interfaceg2g.org>

<http://www.descentro.org/>

<http://www.hactivist.com>

<http://www.universidadnomada.net/>

<http://hemisphericinstitute.org/hemi/>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Linux>

<http://submidialogia4.descentro.org>

<http://forumdemidialivre.blogspot.com/>

<http://bricolabs.net/>

<http://organismo.art.br/>

<http://efeefe.no-ip.org/>

<http://www.trezentos.blog.br>

<http://www.aguaforte.com/antropologia/osurbanitas/revista/modprim.htm>

<http://takebackthetech.net/category/rss-blog-category/take-back-tech>

<http://esquizotrans.wordpress.com>

<http://www.bme.com>

<http://poeticasexperimentaisdavoze.wordpress.com/category/jardim-de-volts/>

http://www.cultura.gov.br/cultura_viva/?page_id=31

http://www.youtube.com/watch?v=uWa5vC_KwSI

<http://www.youtube.com/watch?v=WnRMbQQM2J0>

<http://www.youtube.com/watch?v=3PnuBOaEJ0I>

<http://www.youtube.com/watch?v=-wA27Y73UEw&feature=fvst>

<http://www.youtube.com/watch?>

v=2tLXZJ6SC28&feature=PlayList&p=1A3D881FEB584084&playnext=1&playnext_from=PL&index=12